



D.^{rs} AMARO J. D'AVILA DA SILVEIRA.

Lith. de J. Alves Leite.

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

TERCEIRO ANNO

NOVEMBRO

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1874



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

SOBRE O ESTUDO DA LINGUA INGLEZA

3.º — ESTUDO DA LINGOA

Emquanto á grammatica da lingua ingleza não offerece ella tantas difficuldades como a franceza, allemã, italiana, ou hespanhola, sendo a construcção da lingua de uma simplicidade invejavel, creio mesmo que á não ser a pronuncia, que na verdade é o maior tropeço para quem se dedica ao estudo do inglez, encerra-se a maior difficuldade na appropriada regencia dos verbos que como é natural affasta-se inteiramente da das linguas latinas.

Filha primogenita das linguas teutonicas torna-se o seu estudo facillimo para quem conhece a allemã, desapparecendo para esse todas as difficuldades que se antolhão ao estudante que a ignora. Citarei como exemplos os verbos defectivos e sua applicação com que os grammaticos costumão fazer cavallo de batalha, é simplesmente a mesma theoria dos verbos auxiliares allemães. A regencia dos verbos á que acima me referi está no mesmo caso de facilidade para quem conhece o allemão.

A vista d'estes factos e sendo o estudo da lingua allemã de tanta utilidade, direi mesmo de necessidade n'esta provincia, devido ao desenvolvimento e incremento que todos os dias toma a população d'essa nacionalidade entre nós, seria de muito avisado conselho fazer preceder nos estabelecimentos de instrucção o estudo da lingua allemã ao inglez, porque a experiencia me tem mostrado que quem dedicar dois annos áquelle estudo, poderá aprender o inglez de modo á continuar o seu estudo sem mestre

dentro de um anno. Creio também poder afirmar que ficará conhecendo muito melhor com esse estudo o genio da lingua ingleza do que com tres annos de estudo da mesma lingua sem aquelle preparatorio.

Direi ainda algumas palavras em referencia ao methodo á seguir no ensino da lingua de que nos occupamos :

Uma grande lacuna se faz sentir em nossos estabelecimentos secundarios de compendios apropriados ao ensiuo gradual da lingua. Nada direi da grammatica de Motta que me parece adequada em todos os sentidos ao estudo gradual, mas emquanto á livros para leitura e traducção assim como para a versão, estamos ainda atrazadissimos. O que quer dizer por exemplo principiar-se a ensaiar a leitura e traducção simultaneamente em obras como a historia de Roma, da Grecia ou de Inglaterra de Goldsmith, obras destinadas á leitura dos estudantes de historia na Inglaterra e confeccionadas com a intenção de explicar com maiores detalhes os pontos mais importantes de historia geral que já aprenderão ; diremos o mesmo da historia da America de Robertson por achar-se em identico caso, tendo apenas a desculpa de que sendo assumpto que mais nos deve interessar é por isso preferido ; n'esse caso não sabemos porque não se ha de preferir a historia do Brazil de Southey ou a de Armitage que ainda mais nos deve interessar. E' na verdade absurdo este systema !

Porque não havemos de principiar por onde principião os inglezes com o Spelling Book de Mavor para a leitura e traducção, facil, passando depois, sempre por graduações para o Classe Book do Dr. Blair ou ainda á outro livro elementar de menos difficil composição para depois chegar ao British Authors do Dr. Herrig, obra cujo plano é perfeito e o mais conducente á iniciar o estudante na marcha da litteratura ingleza.

Se confessarmos que mesmo n'estes livros, livros elementares cempostos com a mira no desenvolvimento gradual do ensino, ó necessario que o lente use da maior discripção na escolha dos trechos á ler ou traduzir, como se desempenhará o professor a quem se marca como livros elementares de ensino a historia da America ou de Roma para a prosa e para a poesia sem mais preparatorios Paraiso Perdido de Milton, obra que bem poucos inglezes de mediana educação comprehendem : seria o mesmo principiar com o Hamlet de Shakspeare emquanto ás difficuldades da traducção. Pelo que toca a versão dão-se as mesmas circumstancias, não ha o meuor cuidado em fazer com que o estudante passe gradualmente de trechos faceis para mais difficeis.

Qual o resultado d'este systema é o que vemos todos os dias : o estudante é approved depois de tres annos de rutina e se fôr ler qualquér romance inglêz não o entende porque desconhece

inteiramente a linguagem familiar, se lançar mão de uma comedia de Sheridan ou drama de Shakspeare ignora a maior parte dos significados; se quizer escrever uma carta em inglez não sabe como principiar porque nunca lhe derão occasião para isso; se quizer conversar ou mesmo dar um recado em inglez tem de ir ao dictionario e escolhe a acceção mais impropria, de modo que o inglez não a entende e ri-se á sorrelfa de sua ignorancia e pronuncia; não comprehende um verso de Moore ou de Byron e se lhe dá na mania de querer ler um jornal inglez nada entende porque a linguagem do mundo não é a dos livros que se maneão nas aulas.

Eis o resultado do ensino que não se basêa em primeiro lugar na pratica paciente da pronuncia, no estudo reflectido e não mne-monico das regras da grammatica, na leitura e traducção gradual de excerptos de diversos autores que vão formando o gosto do estudante pela litteratura da lingua que aprende e fazendo-o conhecer diversos estylos, não só dos autores como de cada genero de litteratura. Despreza-se tambem a conversação e os exercicios de estylo epistolar que mais tarde são tão necessarios na vida pratica.

Ainda ha uma lacuna em nossos collegios, consequencia do systema que se adoptou, é a falta completa de ensaios de composiçào original, o que não admira porque mesmo nas classes do ensino da lingua vernacula são desprezados e um moço deixa os bancos do collegio, crendo saber a sua e mais tres ou quatro linguas estrangeiras e em nenhuma d'ellas é capaz de compor cinco linhas sem commetter erros crassos contra as regras da grammatica e da logica, devido á falta de exercicios de composiçào que offerecendo um campo vasto á imaginaçào do estudante tambem lhe dão occasião de por si mesmo applicar as regras que lhe foram ensinadas.

Creio que o illustrado conselho director da instrucção publica que se acha a testa do primeiro estabelecimento de instrucção secundaria da provincia, empenhará todos os meios á seu alcance para conseguir um corpo de professores habiitados que cleve o ensino secundario em nosso torrão á eminencia a que sempre devera ter attingido, fazendo entre outros defeitos, desaparecer o methodo rutineiro que tem-se implantado no ensino das linguas.

Tenho concluido.

L. KRAEMER WALTER.

Porto Alegre, 6 de Agosto de 1872.

HYLDA

(ROMANCE)

I

Hylde não é um ideal que a imaginação do poeta creou ; não é uma ficção ; mas uma realidade. Não é uma poetisa e nem uma mulher celebre pelo seu heroismo e virtudes.

E' um anjo que resvallou do seu pedestal e denegrio as plumas brancas de suas azas na fonte negra da perdição.

Quem a não conheceu ?... Quem não se lembra d'ella ? Hylde a mulher da moda, a rainha das festas, a bailarina dos masqués, a mulher de vontade de ferro e do poder do oiro !...

A' ourela do abysmo da desgraça quantas almas ella não arastou na ebriciz do delirio e da paixão ? !... O rico coche, onde Hylde, á tarde, passeava, reclinada sobre o acolchoado de velludo carmezim, quanta lagrima não custou, quanta miseria não espallhou no seio de honestas familias ?

Só Deos o sabe...

II

Hylde nascera nas costas de Tramandaby. Ahi fôra creada até os 11 annos, na companhia de seu pai, um velho pescador, que nem sempre tinha o que dar de comer a ella e a Julia, sua irmã-sinha, que n'essa época pouco mais de dois annos teria.

O Tramandaby é uma praia triste e deserta.

Ali vive a solidão e a monotonia em tudo. Só se ouve o quebro das ondas oceanicas sobre os extensos areas, onde em longas distancias, se ergue uma ou outra choupana cercada de vegetação rarefeita, ou o cantar saudoso e melancolico dos filhos do mar, afinado ao rythmo do gemer das ondas.

Ha porém, uma quadra no anno em que reina ali uma animação ephemera.

Pelos mezes de Dezembro e Janeiro algumas familias ricas e outras pobres, com algum doente, deixão a capital e vão aos banhos do mar. N'este tempo o lugar torna-se então mais alegre, porém não dura muito que a tristeza não venha de novo asselar a natureza do local.

Em Março e Abril os banhistas, aos primeiros arrepios do frio, como as andorinhas, levantão as tendas que povoavão a extensão da praia e as caravanas partem com direcção a Porto Alegre.

Aquella costa torna-se então mais tristonha do que d'antes. E' que o inverno vem-se approximando; o céu empallidece, a rama amarellecida cabe das arvores ao soprar das frias ventanias, e ao longe cruzão os bandos de gaivotas, timidias do marulho das vagas que se despedação nos areas desertos.

Oh! paizagem mortecor, tu emblemas a tristeza que vive n'alma dos que ahi nascerão, sob esses ranchos de sapé, ao bater monotonico e lugubre das ondas do mar!

III

Em fins de Março de 1862, Hylda deixava aquelle isolamento em que nascera; deixava talvez para sempre o pobre Simão e a Julinha, para vir em companhia da familia de João dos Passos Louzada, que voltava dos banhos a Porto Alegre.

Aos onze annos Hylda era realmente uma creança feia.

Tinha o rosto extremamente descarnado e de uma pallidez cadaverica; o cabello cortado como de rapaz, braços finos, ossudos e de uma só grossura; era desageitosa, sem graça; sobre os labios desbotados nunca um sorriso espanejára-se; fallava muito pouco. No olhar tinha uma expressão triste e soffredora e até esta idade ella não conhecera um só prazer, uma só das alegrias da infantibilidade.

Era a lagarta no cazulo que em breve se transformaria em borboleta travessa de azas de oiro.

A natureza da criança tinha-se amoldado ao aspecto triste e desolador da solidão em que nascera; as flores de sua alma havião

murchado em botão n'aquella athmosphera humida e fria a rescender de maresia.

Hylda era realmente uma menina que inspirava compaixão.

E foi por isso que a familia Louzada, condoendo-se de sua sorte, a trouxe para Porto Alegre.

O velho pescador relutou bastante para annuir os desejos da familia protectora; porém, afinal cedeu lembrando-se que era doente e que talvez bem poucos dias de vida lhe restasse.

A Julia, se elle morresse encontraria os braços fortes do seu padrinho, um pescador cheio de vida e audaz como os filhos do mar, que lhe daria asylo sob o sapé do seu rancho; mas Hylda, essa não tinha mais ninguem por si na terra.

Seria mais uma orphã ao desamparo e mais um conviva nos festins do vicio.

IV

A clepsídra do tempo já assignalou quatro annos.

Hylda não é mais a menina feia e desaguetosa.

A idade, a abundancia e a convivencia da boa sociedade operarão n'aquelle aleijão uma completa metamorphose.

Seu pai se a visse não á conheceria por certo. Tal transmutação soffreu aquella natureza.

Era uma mulher linda em todo o esplendor da belleza ideal.

Tinha agora, no olhar a volupia da hespanhola, o donaire parisiense e nos subtis delineamentos de uma bocca do rubins um ninho de sorrisos feiticeiros a rescender de amor e candura.

Se ella vivesse ainda em Tramandaby, no meio d'aquelle isolamento contrastador, rodeada de tantas tristezas, sentindo constantemente a seu lado o espectro da miseria, talvez já tivesse pendido a fronte juvenil ao contacto do beijo gelido do anjo da morte.

Mas o acaso mudára de um dia para outro a sorte d'essa creatura infeliz.

A familia Louzada em pouco tempo amára-a como sua filha.

Derão-lhe mestres e todos os cuidados e carinhos de que era digna.

Os velhos fazião-lhe todas as vontades e parecião adivinhar os mais caprichosos desejos da menina.

Só com um filho entendião elles que era uma obrigação sagrada repartir com ella tambem o coração e as commodidades da vida que lhes sobravão.

E ella a cada hora, a cada passo manifestava com a sinceridade de uma alma pura e meiga, o seu reconhecimento.

Se a doença prostrava a um ou outro da familia, Hylda não abandonava a cabeceira do leito, emquanto não os via restabelecidos.

Quantas e quantas noites ella não vellou o seu protector, victima de uma doença pertinaz, já rebelde a todos os esforços da medicina e cuidados da extremosa familia?!. . .

E Hylda sempre boa, meiga e consoladora a derramar de seus labios os doces philtros do amor e da esperanza.

Parece muitas vezes que Deos envia do céo, os seus anjos, para lenir as dores dos que soffrem e consolar os afflictos.

Quem nós diz que a lagrima brilhante de um meteóro não se desprende do céo, para illuminar a passagem de um anjo que emigra para a terra?!

V

Hylda estava na flôr dos annos. Quinze primaveras perfumavam-lhe a existencia doce e tranquillã, como um fillete de crystal que serpeia calmo e severo na esmeralda avellutada das campinas viçosas.

Quem n'essa idade não cria um mundo de sonhos e chimeras? Quem n'essa idade não se transporta nas azas de oiro da phantasia á mundos ignotos, a alhambras encantados, onde a alma, livre respira e aos céos se eleva nos magicos extasis do mysticismo.

Como a flor pede a luz para viver, o coração busca ansioso a chamma do amor para alimentar-lhe.

E Hylda não seria uma excepção. Ella amava e muito.

Crescendo ao lado de Julio, o filho do seu protector, n'essã convivencia doce, santa e expansiva da familia, Hylda sentio um dia, um sentimento estranho dominar-lhe todo o coração e os laços da affeição que a prendião ao seu companheiro de infancia, tornarem-se de um momento para outro mais fortes e duradouros.

Toda a suã felicidade, a maior ventura para ella agora, era ter a seu lado, a imagem pallida de Julio; era sentir-se mesmo abatida e fraca, á luz que irradiava o olhar de fogo do mancebo.

Hylda quando percebeu que um gesto, umã palavra, ou um olhar d'aquelle moço tinhão um poder magico sobre sua alma, quiz suffocar no coração o affecto que desabrochára forte e cheio de vida; mas o esforço foi baldado. Já era tarde.

O amor não se esmaga como uma planta, não se apaga de um

coração ao simples querer de um capricho ou de quaesquer conveniências.

O amor nasce expontaneo e assim morre.

Não ha pois forças humanas que a detenhão, quando elle deve viver.

O amor é um delirio, é uma seducção, é uma vertigem.

E quem será capaz de arrancar do cairel do abysmo, a alma que vai arrastada pelo deliquio da fascinação?

O amor é assim.

VI

Julio de Aguiar era dois annos mais velho que Hylda.

Em seu coração de moço só via agora a imagem peregrina d'aquella que lhe povoava a vida de sonhos e encantamento.

Mas no meio da ventura de possuir o coração de Hylda, no meio d'esses sonhos e delirios de felicidade, sua fronte pendia abatida á lembrança amarga e cruel de deixar em breve este cantinho, onde longe de si se definharia de tristeza e de saudade, Hylda, o anjo de sua guarda.

Mas assim era preciso.

A unica aspiração e orgulho do velho Louzada era ver o filho formado; por isso já se apressavão os preparativos para a proxima partida do estudante.

Mas quantas lagrimas já não tinha humedecido os negros cidos d'aquelle anjo?

Quantas vezes não adormeceu ella com a face rorejada de pranto?

Uma noite, Hylda recostára-se no leito com a fronte mergulhada em scismas. . . estava triste e pallida — e mais de uma vez as lagrimas aljofarão a cutis setinosa como as perolas da noite a flor da magnolia. . .

N'essas horas de vigilia, n'esses momentos da scismas e tristezas, em que a alma falla á consciencia, em que o espirito foge da argilla que o prende e vòa á penumbra do passado e quer ainda devassar as neblinas do futuro, n'esses momentos talvez que se o espirito transpuzesse rapido a immensidade, como um meteóro, e fosse libar-se n'aquelle triste isolamento das costas do Traman-dahy.

Talvez pensando lá estivesse ella agora; pagava com as perolas de seu pranto, o santo tributo de amor ao torrão em que nasceu. Pouco depois adormeceu vellando-lhe a modorra quem sabe, se a imagem meiga e pura de Julinha. . .

Pela janella entrecaberta do gabinete penetrava a luz branda do luar a espargir sobre a terra os derradeiros raios.

O santuario estava silencioso e apenas illuminado pela luz mortua de uma lamparina, que ali derramava uma doce penumbra. Só se ouvia o resfolgo d'aquelle anjo e o balouçar dos ramos dos jasmineiros que guarnecião as janellas.

Da tela escura do horisonte infindo desprendera-se a orla de prata do astro da noite e a mantilha negra dos céos desdobrou-se para envolver a terra.

A casa de Louzada estava silenciosa; de repente, porém, pela janella entrecaberta um vulto penetrou.

Era Julio.

A' primeira lufada de ar a lamparina apagou-se e ao melancolico crepusculo que ali reinava succedeu a treva.

Continúa.

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

D I S C U R S O

Pronunciado no 14.º sarão do Parthenon Litterario, pelo socio F. C. de Sax-Tiago Bantas

O CASAMENTO

Distinctas senhoras que viestes abrilhantar o sarão do *Parthenon Litterario*, illustres cavalheiros que me honrais com vossa attenção, sêde indulgentes; pois vou occupar-me de um assumpto superior, sem duvida, ás minhas forças e a' respeito do qual sou talvez um dos menos competentes para emittir juizo — o casamento.

Solteiro ainda, não terá o que vou dizer o cunho dâ autoridade que dá a experiencia, mas prometto que ha de ser a expressão sincera do que penso, o resultado do estudo e das reflexões feitas durante as longas insomnias do celibatario, a sós com a tristeza do isolamento.

Senhores, o assumpto sobre que vou fallar, ao primeiro aspecto pôde parecer simples, mas basta ligeiro exame para se reconhecer o quanto é complexo.

Póde ser considerado debaixo de differentes pontos de vista, cada qual mais amplo e susceptivel de desenvolvimento. Apresenta diversas faces — a historica, a philosophica, a social, a religiosa, a phisiologica e muitas outras que difficil se tornará ennumerar.

Limitar-me hei a consideral-o pelo lado da desigualdade que apresenta o pacto matrimonial em relação aos dois seres que o contrahem.

E sirva-me de escusa por assim restringir o assumpto, a natural impaciencia dos que aguardão a hora mais agradável do sarão, aquella em que ao som da musica os sexos se approximão e realmente toma interesse a reunião.

O casamento é um contracto pelo qual dois individuos differentes no sexo, porém iguaes na origem e nos destinos se reúnem durante a vida sob os auspícios da lei e ás vezes da religião; contracto em que as partes, no estado actual da sociedade, não tem iguaes direitos: uma dá a lei, domina — é o homem, o marido — a outra submette-se, obedece — é a mulher, a esposa.

Assim pois, bem que na apparencia o casamento obrigue igualmente as duas partes, é, não obstante, feito todo em vantagem do marido.

E' o pacto do leão.

Com effeito, embora o christianismo tenha nobilitado a mulher, elevando-a ao nivel moral do homem, comtudo, restos da antiga barbaria, dominio da força sobre a razão; indifferença feminina, ignorancia, uma qualquer d'essas causas ou o completo d'ellas faz com que a gentil companheira de nossa vida esteja collocada em um pé de desigualdade tal, em relação a nós outros, que em boa fé muitas pessoas estão persuadidas de que a mulher é por sua natureza inferior ao homem.

Não partilho semelhante opinião, e estaria mesmo disposto a demonstrar o contrario, se julgasse preciso.

Parte integrante da sociedade, é a mulher, igual ao homem perante as leis civis e politicas; deve intervir tambem na direcção dos negocios politicos.

Assim porém não acontece e a sociedade acha-se constituida por tal fórma que as pessoas de vosso sexo, senhoras, além de outras desigualdades veem-se forçadas, para poder viver decentemente, a casar-se, ao passo que ao homem é livre fazel o ou não, tornando-se assim o casamento para a mulher um dever e para nós os homens, um direito.

Em verdade, campo vasto offerece o mundo para que a actividade do homem se desenvolva em todos os sentidos, sem que o tédio se lhe infiltre n'alma, e sem que tenha necessidade de procurar uma companheira para associar-a á sua existencia.

Acontecerá o mesmo á mulher?

Ainda quando no alvorecer da existencia o coração, virgem para o mancebo e para a donzellá, se expande, perguntando á natureza qual a causa das novas emoções que experimenta, que região nova é essa que a phantasia descortina na penumbra do porvir, diversa é a resposta para os dois sexos: ao moço as aspirações mais arrojadas, são amplos e desvendados os horisontes... Sente no coração pulsar-lhe o santo entusiasmo de amor da glo-

ria? deseja occupar lugar distincto no Panteon das celebridades patrias? quer ouvir seu nome repetido pelas cem tubas da fama? Tudo lhe é permittido; a intelligencia, o trabalho e a perseverança lhe abrem de par em par todas as portas.

Se a palavra lhe corre facil pelos labios, eil-o cultivando a eloquencia — Demostenes, Mirabeau ou Castellar, cada sentença que profere tem a propriedade de electrizar as turdas e atear nos espiritos o incendio das emoções que arrastão e arrebatão.

Alma energica, tallhada no molde das grandes resistencias que matão ou subjugão pela força, eil-o tomado a farda do soldado e entre as harmonias estridentes do canhão — Hache ou Bonaparte, Garibalde ou Moltck, um nome impõe ao Universo gravado no sólo que pisa com a ponta do gladio molhada no sangue das cicatrizes.

Tem sede do desconhecido? Na taça amarga do estudo a longos tragos sorve o filho da sciencia, desinha o corpo, mas depois — Archimedes ou Gallileo, Newton ou Conte, Humtald ou Franklin, eleva-se nas azas do genio aos páramos do infinito, de lá contempla a Divindade a quem não iguala porque não creou o universo, mas cujos segredos e sabedoria comprehende e explica.

Fora impossivel dizer. Por toda a parte um campo vasto ás aspirações do joven — as artes, a industria, a litteratura, o commercio estendem os braços concitando-o ao consorcio da gloria.

E ella, a casta virgem, que destino lhe resta seguir? . . .

E' triste de dizer-se, minhas senhoras, mas é a verdade; ella vê-se constrangida a despender tudo quanto ha em si de nobre e de igual ao homem, no empenho de agradar para encontrar um noivo. E' incompleta a educação que recebe; aprende a musica, o desenho, borda, canta, lê romauces e poesias e tudo isso não constitue uma educação sólida; porque só serve para crear um ambiente de sonhos e de illusões, um mundo chimerico semelhante ao dos tempos mythologicos.

E tão palpitante é a differença que existe entre a educação da mulher e a do homem que Michelet, o amigo intimo das senhoras, o apostolo mais insuspeito e entusiasta do amor disse: « O homem ainda o menos instruido, caminha por uma senda de innovações e de descobertas tal que de sob as pégadas como que saltão scentelhas da luz santa do progresso; a mulher, porém, fatalmente atrazada conserva-se ainda na trilha do passado que mesmo assim bem pouco conhece. »

Esta é a realidade; mas pelo facto de viverem juntos na mesma sociedade os dois entes por acaso se encontrão algumas vezes.

O homem movera a velocidade de sua carreira para contemplar aquelle ser que lhe parece tão distincto do seu; a peregrina

belleza que se lhe apresenta aos olhos toca-lhe a flor mais delicada da alma; a graça natural dos ademanes, a suavidade do olhar que amacia as asperezas do coração; o sorriso que se desfolha dos lábios da virgem qual petalás de rosas; tudo faz-lhe entrever um universo que até então para elle não era conhecido — o universo do amor.

Então o leão de hontem, Hercules — o semi-Deos — dobra a fronte laureada, e de joelhos cabe aos pés de Omphalia.

Santo milagre do amor! tu foste o elo bemdito que prendeste as duas almas! és a chispa ardente que funde os gelos da indiferença!

Os dois seres amão-se e esse amor é um verdadeiro consorcio, a união das almas, é o casamento, tendo por templo o espaço infinito, por cyrios as estrellas do firmamento e por sacerdote — Deos.

Mas ah! quantas vezes as estupidas conveniencias de uma sociedade egoista não separão os desposados do coração?!

Esposa, pergunta incessante a natureza pela voz das flores, da brisa e dos perfumes, que é do noivo dos teus anbellos? Marido, que é d'aquella a quem unicamente amaste? Responda o suspiro que se exhala do peito da victima immolada no altar de conveniencias que não erão suas: responda o gargalhar sceptico do blasphemo que nega a existencia do amor para não confessar a causa do aborrecimento que o devora!

Ai d'ella que não teve força bastante para dizer « sou a igual do homem, não sou a vil mercadoria que se expõe á venda e que a compra o primeiro marchante! »

Ai d'elle que indifferente não protestou contra a tyrannia soltando a voz aos quatro ventos para apregoar os direitos da mulher!

Ai de todo aquelle que, pusilanime, se curva ao preconceito e não ousa conduzir sua pedra para a constracção do grande edificio da perfectibilidade humana!

Minhas senhoras e meus senhores. Ha pouco vos disse que ao homem era livre casar-se ou não e que á mulher, presa aos elos de mil conveniencias da sociedade, sem grande constrangimento não poderia deixar de fazel-o.

D'ahi deduz-se o movel secreto que impelle muita donzella inexperiente a ligar sua vida inteira a um homem a quem mal conhece e que pela mór parte das vezes lhe é indifferente, senão odioso.

A ligar a vida inteira, sim, porque os laços do hymineu são indissoluveis.

Não posso comprehender essa indissolubilidade!...

O ser humano é por sua natureza sujeito ao erro e á indisso-

lubidade presuppõe certeza de que jamais possa haver o arrependimento.

Vou estudar friamente a questão, que não é mais que o tão debatido assumpto do divorcio.

Respeitaveis senhoras, persuadidas que vou apresentar idéas novas e offensivas á religião que professais talvez um serio receio vos pare agora no espirito; antes de proseguir, para desfazello cumpre-me garantir-vos que nenhuma proposição contraria a orthodoxia de nossas crenças será emittida por mim.

Entendo que não devo arrogar-me o direito de estimular alheias susceptibilidades sobre a religião, que é principalmente para a mulher o balsamo consolador, que estanca a ulcera do sofrimento.

Era o divorcio permittido pela igreja, nos primeiros tempos do christianismo, nada tem de offensivo ao evangelho; S. Jeronymo considera-o admissivel em certos casos e a santa sé apenas o prohibe como medida disciplinar do catholicismo tomada depois do concilio de Trento.

O summo pontifice pôde permittil-o e em diversas épochas tem mesmo usado de semelhantes prerogativas.

Na idade media os senhores feudaes, quasi sempre, com bom exito debaixo de futeis pretextos, o solicitavão e ainda em principios d'este século, sabemos todos da permissão concedida pelo papa para o casamento de Napoleão I com uma princesa da Austria, depois de se haver o imperador divorciado de Josephina.

Pelo lado religioso, pois, não causa demasiada estranheza que onse eu fallar contra a indissolubilidade do casamento. Pelo lado civil o divorcio não é mais que um pequeno passo na senda do progresso. E' o desquite facultado pelas leis de nosso paiz, com a unica differença de poderem os dois conjuges contrahir novas nupcias.

E' nobre o sentimento que induz as almas crentes a chamar sobre um acto importante, como seja a communhão de duas existencias, o auxilio e protecção da Divindade; mas isso não é imprescindivel e muito menos de justiça que se torne obrigatorio, pois a crença é expõntanea e livre, não podendo ser impõsta igual a todos os cidadãos de um paiz.

Tal a razão porque me pronuncio, embora de passagem pelo casamento civil. Ellê virá simplificar a questão do divorcio.

Se os espiritos timoratos quizerem solicitar a benção da igreja, considerando-se assim ligados indissolovelmente, os que não partilharem a creuça catholica poderãõ se casar unicamente perante as leis civis e não serãõ coagidos a um onus que a constituição de nosso paiz não pôde impôr, visto tolerar toda a sorte de crenças.

Dito isto, vou tratar das causas que podem motivar a necessidade do divorcio. Ellas são muitas.

Qual de vós deixará de conhecer ao menos um casal infeliz, porque a separação entre os esposos é impossivel?

Unem-se dois jovens pelos laços do casamento nas melhores condições possiveis. E' um consorcio de amor.

A moça inexperiente guiada só pelo coração e pela imaginação, está persuadida que seu futuro esposo será eternamente o apaixonado mancebo dos salões em que se encontrarão. O moço ébrio pelo sentimento, crê haver-lhe o destino deparado com aquelle anjo para fazer a felicidade de seus dias.

Correm os tempos.

O marido indifferente ás doçuras do lar domestico passa a vida nos bilhares e nos bastidores do theatro a consumir extremos roubados ás caricias da terna consorte.

A fortuna de ambos vai desapparecendo no sorvedouro da insensatez.

A principio ella — a pobre viuva de um marido que só morreu para o lar — chora; depois as lagrimas sêcão. procura resignar-se, mas por uma reacção natural ao espirito, transforma o amor que votava, em odio; não pôde mais supportar o monstro e então se não tem a coragem do martyrio, se a exemplo do marido se deslisa dos seus deveres, no thalamo conjugal, encontra um punhal assassino e tem por mortalha o anatema da opinião publica.

Transforma-se o quadro.

Emquanto o marido todo affectos, dia e noite trabalha para a felicidade d'ella, na mente adúltera a infiel combina as horas do encontro propicio com o cúmplice de seu desregramento.

O misero sobe... E se não tem coragem para ser homicida a sociedade rir-se-ha d'elle, apontando-o com o dedo, quando for atravessando as ruas, acabrunhado pelo peso dos desgostos.

Em semelhantes condições o divorcio não seria a melhor solução possivel? Não seria ainda mais em vantagem da mulher do que do marido?

Figurei um dos casos mais favoraveis, aquelle em que menos probabilidades ha de arrependimento.

Imaginai agora uma pobre virgem, toda viço e illusões, entregue pela cubiça a um velho decrepito; um especulador que simulando sentimento, que não alimenta, consegue unir-se a uma donzella, seduzido pelo brilho do dote; uma d'essas desgraças que sobrem na vida — um dos consortes é victima de molestia contagiosa que se transmite hereditariamente. Mil casos diversos. Imaginae tudo até a hypothese de ser casada uma pobre moça

com um grande criminoso que é conduzido por crimes nefandos por toda a vida ao calabouço.

Que solução encontraes para todos esses casos a não ser a dissolubilidade matrimonial?

Como dar a mulher o quinhão de felicidade que lhe deve tocar no mundo, senão permittindo-se-lhe, decorosamente, unir-se a outro homem?

Ao marido a sociedade não pede contas: a mulher é sempre a victima.

Não sorprenda que insista tanta sobre este ponto. Nos paizes acatholicos, o divorcio é em quasi todos tolerado.

Na Russia, se o marido se ausenta sem motivo durante cinco annos, a mulher pôde contrahir novas nupcias; na Dinamarca, basta que a ausencia do lar seja de tres annos.

Tendo considerado essa questão, tendo dito que é mister a mulher adquirir na sociedade iguaes direitos que o homem, aos que se persuadem ser o divorcio um mal apresentarei o exemplo dos paizes mencionados, onde elle existe e nos quaes os povos são felizes e não pedem sua abolição; aos que pensão que os direitos não devem ser iguaes entre os dois sexos, responderei que muitas mulheres tem na sociedade representado papel importante conseguindo tanta gloria que grande parte dos homens bem pôde invejar; aos que vos julgão, senhoras, de uma natureza inferior á nossa, apresentarei na historia os exemplos de Judith, Semiramis, Joanna d'Arc, Catharina da Russia, Carlota Corday, madame de Stael e Jorge Sand.

A taes mulheres bem poucos homens igualão.

Ellas estarião certamente mais no caso de exercer direitos politicos do que a turba ignava de votantes do sexo masculino que infesta as parochias eleitoraes.

Mas não é mister ir tão longe. Estou convencido que qualquer uma das senhoras presentes comprehende melhor os deveres e direito de cidadão, que todos esses homens analphabetos que se achão de posse d'elles.

Desejaria prolongar-me mais; o assumpto offerece materia para ampla discussão, mas vou terminar e o farei restringindo todo o meu pensamento nas palavras que se seguem:

« Sem que a mulher adquira na sociedade os mesmos direitos que o homem e sem que o divorcio seja autorisado por lei o casamento será um jogo perigoso, no qual se pôde ganhar, mas em que tambem se pôde perder muito. »

Quando o coração falla cessão todos os raciocinios.

Vós meus amigos que diviso no meio da multidão indifferente, attentos ás palavras que profiro, dizei-me não é verdade que ao discurso ainda o mais brilhante é preferivel uma flor que se

desprende dos cabellos d'ella, um raio do seu olhar, um sorriso, um ai, um suspiro, um d'esses mil nadas que valem tudo, quando se tem a felicidade de amar?

Por certo.

Pedistes-me que fosse breve. satisfiz aos vossos desejos; antes, porém, de descer d'esta tribuna onde, sem inconveniente, poderia ter deixado de subir, peço que em paga de minha condescendencia me acompanheis na evocação que vou dirigir a vós outras, minhas senhoras. (*Dirigindo-se ás senhoras*),

Hasteai bem alto o estandarte da santa cruzada para a emancipação das pessoas de vosso sexo.

A vós, as rio grandenses, caiba a gloria de semelhante iniciativa.

Eu de pouco valho, mas se minha vida vos puder ser util, disponde d'ella sem escrupulo, pois feliz serei se puder morrer por vós.

PAGINA INTIMA

A FRANCISCO DE PAULA TRIEIRA.

I

Conheces a poetica villa de S. Jeronymo que se estende ao longo da margem direita do rio Jacuhy? Viste-a alguma vez com as suas casinhas brancas esparsas aqui, ali, além como um bando de garças n'um tapete de esmeralda?

Pois bem! Por uma tarde de outomno, quando a brisa gemia nas ramas amarelladas do arvoredó, trazendo-me ao coração uma saudosa lembrança do passado; e em que o céu parecia envolto em uma mortalha de chumbo, minha alma sentio um jubilo indefinivel, ao ver uma restea de sol rompendo as caligens, dourar os telhados humidos das pittorescas casinhas brancas d'aquella poetica villa.

Olhando para a natureza triste e melancolica, suppuz habitar uma d'essas regiões frias e nebulosas, onde nunca se vê o azul d'este céu americano.

De pé sobre uma eminencia que se ergue na encosta da villa, eu olhava tristemente para as cruces do cemiterio que alvejávão por entre as neblinas cinzentas do horisonte.

E as recordações que então me sobrevierão ao espirito erão tristes como essas cruces que assignalavão a derradeira morada d'aquelles, para quem se cerrarão as portas da felicidade da terra e forão em busca da felicidade do céu.

Recordava-me de uma linda creatura, a mais mimosa flor da minha infancia, que tão cedo inclinou-se sobre a lousa do sepul-

chro, como as rosas que cerrão as petalas ao descambar da tarde e envão para o céu os seus perfumes.

E sabes tu, amigo, o que são reminiscencias do passado, quando o passado é negro e tétrico como uma noite de tormenta? Atravessar como um raio de luz as sombras que se espalhão por sobre esse oceano revolto, e lá, muito ao longe deparar com uma campa onde se encerrou a mais cara e a mais santa das nossas afeições?

E' um pungente martyrio!

II

Triste e só com as minhas saudades, pensando nas doces illusões da juventude, nas santas alegrias do passado, que me abandonarão, como as andorinhas o casal amigo, ao presentirem os gelos do inverno, eu me absorvi na mais intima e dolorosa das contemplações, sem um unico linitivo, as tristezas que me afogação de lagrimas o coração!

Olhando para o cemiterio, eu contemplava com os olhos marejados de lagrimas, uma cruzinha de marmore branco que parecia proteger o somno eterno de um anjo que ali dormia.

Era um anjo! Ainda no albor da vida, quando as flores da primavera descerrão o seio á luz das alvóradadas, trocou ella os brincos da infancia pela aureola dos eleitos de Deos.

Oh! pallida visão do meu passado! Curta fei a tua passagem por sobre a terra, mas bem fundo deixaste em meu espirito uma restea luminosa, como o scintillante sulco que a barca imprime na face do oceano em noites de luar!

E' pois uma pagina da vida d'essa creança que te vou ler, breve como a existencia das flores, como um sorriso da aurora, porém triste como a dôr de uma mãe ao ver o filho adormecido no leito gélido da morto.

III

Foi á luz crepitante dos cirios, que eu vi pela primeira vez illuminar-se aquelle rosto angelico em que parecia rever-se o crepusculo de um sol moribundo.

De joelhos no templo, ella tinha as mãosinhas brancas transparentes erguidas para o céu.

Por entre os labios tremulos, descorados no fervor da prece, eu vi deslisar-se o doce nome de mãe, semelhaute ao perfume que o lyrio envia nas azas tepidas da viração.

Uma lagrima rolon lentamente pela face e foi embeber-se-lhe no seio agitado por uma commoção febril.

Eu senti aquella lagrima como gotta de ceeste orvalho, cahir-me no coração; e abençoei a providencia que me conduzio ali, quasi em contacto com aquelle anjo que ensinou-me a ter fé, a crer no mundo dos espiritos e nas eternas recompensas do Eterno.

Jámais poderei sentir as doçuras d'aquella lagrima. as santas harmonias d'aquelle nome que ainda hoje me estremece a alma como as notas vagas de uma musica angelica.

Nunca, nunca mais poderei contemplar-te, embebido na luz do teu olhar!

E' que foi profundo e eterno o somno que um dia te cerrou as palpebras!

Quando volto a esse humilde templo, onde a vi como uma aparição dos céos, julgo vel-a ainda como pallida visão de uma noite de febre, pendida sobre a lage de um sepulchro.

Seus labios murmurão ainda aquelle fervoroso nome de mãe, como o som melodioso de uma harpa vibrada na solidão.

Oh! quando poderei eu encontrar-te, n'esses mundos de luz para onde se alou o teu espirito angelico? Quando?

IV

Dois annos se passarão. Dois annos de alegrias e amarguras, de esperanças e receios, de crenças e de incertezas!

Tudo desapareceu como os raios do sol atravez das ueblinas douradas do occidente.

Pobre creança! Como as flores que empallidecem e se desfolhão ao sopro frio das brisas do norte, murcharão as tuas illusões e com ellas a felicidade que suppoz entrever!

Não pude contemplar-te no derradeiro crepusculo da tua primavera, ajoelhar aos pés do teu leito para te amparar a fronte no resfriar da morte, guardar o adeus da longa despedida, o ultimo halito de teu seio moribundo!

Longe, bem longe de ti, na hora extrema em que tua alma voava ao Creador, quando a luz do céu te empanava a luz da vida, uma profunda tristeza me annuviava o espirito. Era o sentimento da morte, o nuncio da desgraça que me murmurava ao coração a nenia das saudades eternas!

V

Aqui tens amigo, uma pagina intima da vida d'aquella creança, que se liga á minha, como os élos de uma cadeia de angustias.

Ella ali descança na paz tranquilla do sepulchro, enquanto eu, pelas noites longas do mysterio, procuro entre as estrellas do céo a face illuminada do anjo a quem tanto amei na terra!

SILVINO VIDAL.

Porto Alegre, Novembro de 1874.

UMA HISTORIA

DRAMA

POR

HENRIQUE RIBEIRO

ACTO I

PERSONAGENS DO ACTO

LUCINDA
BRIGADEIRO
BARÃO DE BELMONTE
DR. PEREIRA DOS SANTOS
FAUSTO
UM CRIADO

ACTUALIDADE

ACTO I

Faleta em casa do barão

SCENA I

Brigadeiro, e depois Lucinda

BRIG. (*dando pão de ló ao canario*) — Aqui tens, aqui tens, meu querido canario. Os teus gorgeios me agradão, alegrão este pobre coração. Canta, dá alegrias á velhice... (*dando pão de ló ao pintasilgo*). Como me conhece! Se somos tão amigos! Quando eu morrer, não terão por certo estes cuidados. Morrerãõ esquecidos, á mingoa, quem sabe!

LUC. (*que tem ouvido as ultimas palavras*) — Protesto contra a sua ingratição; é uma injustiça que não posso consentir... Então eu? Não sabe que os amo tambem? Elles não morrerião, tio.

BRIG. — Promessas vãs...

LUC. — O tio é um rabugento...

BRIG. — E a senhora é uma tagarella.

LUC. — Aqui está porque somos amigos. (*Dando-lhe um beijo na fronte*) Se eu fizesse caso das suas impertinencias... Olhe, tio Chico, se você fosse moço, pedia-o em casamento. (*O brigadeiro ri-se*) Ri-se?

BRIG. — Pois não me hei de rir? E's uma feiticeira.

LUC. — Uma feiticeira? Deveras?

BRIG. — Um anjo.

LUC. — Um anjo! D'esta vez, não tenho o direito de suppor que é uma cortezia banal dos salões.

BRIG. — Já te disserão o mesmo? Creio firmemente.

LUC. — E tantas vezes que já perdi a conta. Frivolidades de

salões, galanterias que podem satisfazer apenas a vaidade das le-
vianas. O que havemos de fazer. Tapar os ouvidos?

BRIG. — As mulheres gostão de quem as lisonjeia.

LUC. — Engana-se a meu respeito, tio. Ando enfastiada dos
bailes, aborreci a dança, estou saciada. Se pudesse, não ia mais a
um só; preferia ficar aqui a seu lado. Creia-me, é do coração que
sabem estas palavras. (*Pausa*). E depois... (*Pica pensativa*).

BRIG. — E depois?...

LUC. (*disfarçando*) — Nem sei o que queria dizer... (*pausa*)
Diga ao papai que não quero ir mais ás reuniões da baroneza,
estou cansada de ouvir as felicidades do filho.

BRIG. — Dizem que é um bello talento; um dos melhores
oradores da camara.

LUC. — Pouco me importa isso. O que sei é que o detesto e
estou determinada a repellir os seus galanteios. Teve a audacia
de pedir-me em casamento sem consultar a minha vontade.

BRIG. — Sim? E' porque te ama, és bella...

LUC. — Não é pelos meus olhos, é pelo preço d'elles.

BRIG. — A baroneza é bastante rica.

LUC. — O filho é excessivamente ambicioso.

BRIG. — Póde ser amor.

LUC. — Amor?! Não creia. E' uma alma secca, um coração
fechado, calculador, utilitario. Quer uma prova do seu caracter?

O academico exaltado pelas idéas democraticas, que combateu
com a pena e com a palavra as velhas instituições, deixa ás
portas da academia as suas crenças, esquece tudo, transige fasci-
nado pelo poder que exalta. O republicano aceita a mão do go-
verno, e rasga a sua profissão de fé para poder entrar no parla-
mento nacional. Este homem, tio, não será capaz de comprehen-
der os grandes sentimentos.

BRIG. — Tens razão e admiro-te. E' um renegado, e para
os renegados todo o desprezo!

LUC. — Assim como subio sem escrúpulos, com a mesma vi-
leza procura duplicar a fortuna. Felizmente sei pezar as suas pa-
lavras na balança do desprezo.

BRIG. — O que é verdade, minha joia, é que o escolhido do
teu coração deve ser um homem feliz. Já escolheste algum?

LUC. — Ainda não.

BRIG. — Estas mentindo.

LUC. — Não estou... (*como reflectindo*) Estou, não posso,
nem devo faltar-lhe a verdade... Começo a amar... por emquan-
to é um segredo... dir-lhe-hei tudo, quando for occasião.

BRIG. — Para mim já não é um mysterio, é uma convicção.

LUC. — Uma convicção? Não se apresse, tio; a velhice não

póde caminhar tão depressa. Mudemos de assumpto: quer tomar a minha lição de geographia?

BRIG. — Depois. Fallemos do teu... futuro noivo.

LUC. — Quer uma confissão? E' cedo ainda.

BRIG. — Não para mim, velhaqueta. Se elle fosse aos bailes, continuarias a ir: porém não o vês lá, e por isso tudo é triste e silencioso onde a alma procura em vão a imagem querida. Pensas que não sei?

LUC. — O tio está porta.

BRIG. — Ouve então. Quando teu pai não queria levar-te aos bailes, vieste pedir o meu empenho e consegui tudo. Começaste então a frequentar as reuniões, e appareceste em todos os bailes. A influencia recrudescia a tal ponto, que censurei o excesso. Lembra-te do que me respondeste? « Deixe-me dançar, tio ». Ha dois mezes. E o que respondes agora?

LUC. — Estou enfasiada. Quatro mezes bastarão para saciar-me. Foi talvez o excesso... não, não fui o excesso... E' preciso que evitemos o mal, o contagio pernicioso. Póde acaso a alma respirar livremente, onde existe uma atmosphera que abafa e murcha as mais santas illusões? Eu tinha a curiosidade de todas as mulheres, satisfeita ella, senti tédio. Era uma seducção, um capricho infantil; queria dançar, ver os salões de baile, ouvir os homens, sentir a ebriedade da walsa, então a minha cabeça fervilhava. (*Com tristeza*) Foi uma illusão passageira. O que vi? Homens que sabem atar a gravata e calçar luvas, que fallão de si, que... Sabe o que senti, o que sinto ainda? Asco!... Ou eu não comprehendí aquelles homens, ou elles não me comprehenderão.

BRIG. — O que é certo é que sahiste immaculada como entraste.

LUC. — Entrei alegre e sahi triste, arrependida. Quero voltar á minha obscuridade... Foi um capricho, é mister que não se torne uma imprudencia. Não penso bem, tio Chico?

BRIG. — As mulheres na tua idade não sabem pensar.

LUC. (*vindo-se*) — E os homens começam a esquecer-se na idade do tio.

BRIG. (*idem*) — Estou convencido de que és um anjo.

LUC. — O anjo tutelar da sua velhice.

SCENA II

Os mesmos e o barão.

BAR. (*ã Lucinda*) — Tua mãi está te chamando, vai ver o que ella quer.

LUC. (*baixo ao brigadeiro*) — Até já, tiosinho. (*Sahe*).

SCENA III

Os mesmos, menos Lucinda.

BRIG. — Então que novidades ha?

BAR. — Os paraguayos invadirão o Matto Grosso.

BRIG. — E o que faz o governo?

BAR. — Tem dado as necessarias providencias.

BRIG. — Sempre tarde como é seu costume.

BAR. — E' prudente.

BRIG. — Imprudente, digo eu, para não dizer inerte.

BAR. — Já começa com suas catilinas.

BRIG. — Que venhão, que venhão esses novos vandalos. Se fôr preciso, o velho soldado, o farrapo encanecido desembainhará a espada e lembrar-se-ha dos bons tempos. Este braço ainda sente-se com força para dar um golpe e este peito não foge ás cicatrizes. Affrontas d'estas lavão-se com sangue.

BAR. — O governo ha de tomar medidas energicas; descansemos no seu patriotismo.

BRIG. — Ha de comprometter talvez os brios da nação com uma paz vergonhosa. Hontem era o ministro inglez, hoje é o despota do Paraguay. Diplomatas pomadistas que...

BAR. — Se é possível evitar a guerra, o governo-o fará a bem dos povos.

BRIG. — Pois julga que é possível depois de enxovalhada a dignidade nacional? Um tal governo seria indigno de continuar a reger os destinos d este povo. Para mim ha só um dilema — a guerra. Governos corruptos e corruptores! Levão uma bofetada e ainda pagão com rios de ouro o atrevido aggressor! Isto faz subir o sangue ás faces.

BAR. — O mano é um exaltado, está fallando irreflectidamente, cega-o a paixão partidaria.

BRIG. — Paixão partidaria?! O meu partido já não existe... Aos de hoje sou indifferente, porque não vejo homens, nem crenças. São dois bandos que se guerreão e mutilão a patria. Paixão partidaria!... O meu acampamento está deserto, só ossadas, só, mais nada. Aqui estou eu para chorar sobre tantos manes.

BAR. — Quanto a mim creio firmemente no patriotismo do gabinete.

BRIG. — O que entende por patriotismo? Queria ouvir a definição de sua boca. Pensa que é uma palavra vã?

BAR. — Ora! (*Solta uma gargalhada*).

BRIG. — Talvez ignore.

BAR. — O mano tem o sestro de suppor que só os republicanos são os unicos patriotas no mundo. Deixe-se d'isso.

BRIG. — Está dizendo uma tolice. Conheci republicanos que não valião nada e que crão a nossa vergonha, assim como ha liberaes e conservadores que merecião uma calceta, O que é verdade, porém, é que não mudei, não transigi e creio que o ideal de todos os povos ha de ser a democracia.

BAR. — Sempre utopias e dissertações banaes.

BRIG. — Utopias?! Este povo é grande como todos os povos, o meu paiz aspira ser livre como todos os paizes. Fui, sou e morrerei republicano, fiel ao meu passado e crente no futuro. Outros começarão liberaes, tornarão-se conservadores e depois especuladores tambem. Pérfidos que'atrayção a patria e o rei. Conheço-os como os cópos de minha espada.

BAR. (*com ironia*) — O brigadeiro tem ideias muito adiantadas, não se amoldão ás circumstancias actuaes do paiz.

BRIG. — Estou certo d'isso. As cousas têm uma marcha providencial. Epoca virá em que estas utopias serão a pratica governamental. E' cedo ainda. Nem eu proclamo a republica, ou seria capaz de concitar os animos para uma sedição. Quando a nação tiver plena consciencia de suas garantias e deveres, quando cada cidadão estiver preparado para entrar nos comicios populares, então terá chegado a hora solemne. O povo será o agente de suas acções, o motor de sua grandeza e prosperidade. Hoje é o cordeiro adormecido, para despertar amanhã o leão esmagador; hoje é o réo, amanhã será o tribunal; é a mola, será a machina prepotente, é o escravo, será o senhor absoluto. Sei que não é para os meus dias...

BAR. — E' pena.

BRIG. — Não importa. Quando estes olhos se fecharem, des-cerei tranquillo a minha cova, porque o futuro é a conquista da humanidade. Hei de morrer sorrindo, porque creio em Deos e na

liberdade. Estou prompto para a viagem d'além tumulo; não me arreceio de nada. A espada e as dragoeiras irão comigo, serão as minhas companheiras na vida, serão as unicas pompas do finado. (*sorrindo*) Onde está a sua espada de republicano, barão? Ah! ah! ah!

BAR. — Ficon no Rio Grande, nunca tive queda para a vida militar.

BRIG. — Diga antes que nunca foi republicano.

BAR. — Dei provas de que fui.

BRIG. — Não foi, nem podia ser; era um falsario.

BAR. — E quem me impedia de ser legalista?

BRIG. — Mas onde está o republicano?

BAR. — A experiencia e a melhor conselheira.

BRIG. — Sempre essa palavra para desculpar os erros e apostasias.

BAR. — O mano tem plena licença para dizer o que quizer. As suas rabugens fazem rir... São proprias dos setenta invernos.

BRIG. — Sim, sim, setenta invernos ou setenta primaveras tambem... A mesma arvore e os mesmos fructos em todas as estações. Diga lá o mesmo, se é capaz com os seus cincoenta e oito. A experiencia tanto podon que a arvore foi se.

BAR. (*sorrindo*) — Mudon de solo, influencia climaterica...

BRIG. — Está bem, acabemos com estas pendengas.

SCENA IV

Os mesmos e um escravo

Esc. (*dando um cartão de visita ao barão*) — E' para V. Ex.

BAR. — Ah! o Dr. Raymundo! Vai abrir a sala. (*Para o brigadeiro*) Se realiso um negocio com este sujeito, augmento dez por cento a fortuna. O ministerio presta-lhe todas as attentções, é uma influencia legitima do partido.

BRIG. — De que partido?

BAR. (*sahindo*) — Do meu ultimo partido.

SCENA V

Brigadeiro e depois Lucinda

BRIG. -- Corja de villões! (*pausa*) O' meus passaros, o vosso canto sempre consola e alegre o pobre veterano!... (*examinando as gaiolas*) Com effeito, já devorarão o pão de ló! N'iste vos pareceis com os taes politicos, que devorão dia e noite o pão de ló da patria. (*indo á janella*) Explendido dia! Isto faz bem, faz... Que suave aroma, o jasmineiro como está florido!... Lucinda já esqueceu as suas flores... algumas estão morrendo abrazadas!

LUC. — Quem lhe disse?

BRIG. (*venetico*) — Digo-lh'o eu, Sra. tagarella. Anda-me sempre pregando sustos.

LUC. — Bonito! Um general assustado!

BRIG. — Pensa que os generaes são estatuas de bronze?

LUC. — E o peito e o braço do tio não são de bronze?

BRIG. — Se fosse, não traria aqui (*indica o peito*) duas cicatrizes, e a espada traiçoira de um legalista não golpearia este braço. (*Indica o braço esquerdo*) Felizmente deixou-me livre o braço direito para decapital-o.

LUC. (*com horror*) — E teve animo, tio?

BRIG. — Defendi-me. Antes tivesse ficado ali morto, fôra melhor; não estaria hoje assistindo os vexames da patria. (*pausa*) Porém, diga-me cá, porque não cuida mais das suas flores? Veja como estão morrendo as pobresinhas. Já não gosta de flores, não gosta mais de bailes, já não quer mais viajar... não quer nada, não gosta de nada. É o genio do pai todo inteiro, vario, maleavel, inconstante. Teu pai nunca teve uma idéa... engano-me, o unico pensamento de teu pai é enriquecer.

LUC. — O tio está insupportavel hoje.

BRIG. — Estou, mas não se trata agora de mim. Porque desprezon as snas flores?

LUC. — Falta-me tempo. E o piano, e o canto, e o desenho, o francez, a geographia?...

BRIG. — Muita sciencia, muito apparatus á primeira vista. Bom modo de educar-se! Por isso é que não temos cidadãos nem mulheres... Aposto que não sabes fazer um caldo? Aposto que teu irmão não sabe pegar n'uma espada? Não sabem cousa alguma.

LUC. — No tempo do tio é que se aprendião muitas cousas. Admira que a minha tia não soubesse ler.

BRIG. — Todos os homens querem ser doutores... Não haven-

do um pergaminho na familia, não se salva a patria. Mil bachareis para um agricultor! Qualquer pirralhinho de treze annos não falla senão em doutorar-se. Pensão que é por amor á sciencia ou á humanidade?... Diz um d'ali: « Eu quero ser medico, porque todos os medicos ganhão muito dinheiro. » Diz outro: « Eu quero ser engenheiro. para... naturalmente para ser estúpido como uma calçada! (*Lucinda solta uma risada*). Ri-se? Quanto ás senhoras. se não forem pianistas ou cautoras, está a familia de luto. Pois fique sabendo que todas as suas flores valem muito mais do que o francez e o inglez e que todos os seus mestres. Tenha a pureza d'ellas, é o que desejamos.

LUC. (*depois de soltar outra gargalhada*) — Vou despedir hoje mesmo todos os mestres.

BRIG. — Eu não disse que a mulher deve ser ignorante.

LUC. — Não disse outra cousa. (*ri-se*).

BRIG. — O que eu queria, Sra. tagarella, é que houvesse mais rigor nos costumes, mais recato, mais virtudes domesticas.... ouça... mais innocencia... ● que eu queria era menos tagarellice, menos vaidade; menos espirito e mais coração, mais estudo e menos pedantismo. Tocão e desenhão porque é moda; um pouco de cada cousa para dizerem frivolidades na conversação e cantarem ridiculamente no intervallo de uma quadrilha!... ● que eu queria...

LUC. — Vejamos.

BRIG. — E' que preparassem a mulher para ser esposa e mãe, porque esta é a sua grande missão, o seu grande papel. E' isto o que fazem? ● onde estão as lições de sciencia domestica? Boas esposas! Levão o dia em frente ao espelho concertando os cabellos, em vez de concertarem a cabeça! Pensão no casamento, escolhendo figurinos; e casão-se sem conhecerem os deveres de esposa e a responsabilidade materna!... (*pausa*) Aqui está a grande educação da actualidade!

LUC. — Tem razão, tio.

BRIG. — E' por isso que queria vel-a cuidando das suas flores, que são o symbolo da innocencia.

LUC. — Não me ralhe mais. (*Fica pensativa*).

BRIG. — Que tens? Ficaste triste?! (*pausa*) Isto é volta de namoro, confessa.

LUC. — Talvez... (*pausa*) Diga-me, tio, se eu implorasse a sua protecção. o seu amor... porque me ama muito, não é certo?

BRIG. — Não amo mais a meu filho.

LUC. — Eu não sei mentir-lhe, e depois é o unico que póde enxugar as minhas lagrimas.

BRIG. — Que dizes? Lagrimas n'essa idade e quando nada te falta?

LUC. — Ha pais, tio, que matão no coração das filhas essa doce e suave illusão que é mais d'outro mundo que d'este, materialista e sceptico. Ha pais que dão ás filhas a liberdade de gastarem n'um dia o que não ganhão cem operarios n'um mez, e no emtanto negão a ellas a unica liberdade que pódem aspirar, a liberdade do amor... Escravisar o coração é a mais selvagem das tyrannias! O mesmo que dá-me o direito de dissipar em joias e sedas rios de dinheiro, faz questão de um homem rico para desposar-me, a mim, que escondo as joias ao passar pela pobreza e as daria todas para enxugar as lagrimas dos afflictos. (*Pausa*) E hei de rir-me, hei de dizer ao coração — canta, á alma — sonha, á vida — palpita! Sim, nada me falta, mas o que é certo é que me arrancão o coração aos pedaços e apontão-me um caminho de martyrios.

BRIG. — E' incrivel o que estou ouvindo!... Pois teu pai... meu irmão... oh! não, não, isto não póde ser, é impossivel!

LUC. — Impossivel?! (*Pausa*) Pobre coração que adivinha... que presagia uma tempestade terrivel!... E quem será por mim?... Infeliz amor, brotou no ermo, cresceu sem um raio de esperança, morrerá talvez assim!... Oh! não, não morrerá em quanto alentar-me um sopro de vida; não morrerá, porque não so mata a alma!...

BRIG. — Falla, dize-me tudo.

LUC. — Eu sei que meu pai quer esposar-me com o Dr. Raymundo; sei, minha mãi avisou-me hontem, e presinto dissabores crucis... Vai ser uma luta terrivel, mas estou preparada... Hei de reagir com todas as minhas forças... Desappareceu o amor de pai, desapparece a obediencia da filha. E' preciso coragem, tel-a-hei, e...

SCENA VI

Os mesmos e um escravo

Esc. — O professor de desenho.

LUC. — Ah! (*tremula de emoção*).

BRIG. — Dize-lhe que suba.

LUC. — Vou buscar os desenhos. (*Sahe*).

SCENA VII

Brigadeiro e Fausto

FAUS. (*entrando*) — Como passa, Sr. general?

BRIG. — Os velhos nunca passam bem. É o meu amiguinho como vai?... Já concluiu o meu retrato?

FAUS. — Faltão apenas os ultimos retoques.

BRIG. — Máo gosto retratar uma cara como a minha. E' verdade, quero pedir-lhe uma cousa : se ainda não fez as teteias do peito...

FAUS. — Já.

BRIG. — E não ha meio de apagal-as?

FAUS. — V. Ex., que ganhou-as com honra, póde ufanar-se de trazel-as ao peito.

BRIG. — Ganhei-as, é verdade, expondo a vida muitas vezes no campo de batalha ; porém não as quero mais... Houve tempo em que era uma vangloria aceital-as; hoje...ha deshonra. A honra está em não recebê-las... O peito do bravo, do homem de bem, não póde cobrir-se senão de luto, vendo por ali aos centos a bajulação e a torpeza galardoadas!... (*Pausa*) Aposto que os seus quadros não lhe mercecerão um penduricalho? (*Fausto faz um signal de affirmativa*). Isso sabia eu. Pois fique certo que não tem perdido nada ; perderia o que vale, se andasse confundido com os ladrões.

LUC. (*que traz uma pasta de desenho, lapis e uma caixa de tintas*) — Bom dia, Sr. Fausto.

FAUS. (*comprimentando*) — Minha senhora.

BRIG. — Hoje deve acabar o quadro.

LUC. — Creio que sim.

BRIG. — A estampa é bellissima. (*examina a estampa*). E' uma paysagem da Suissa.

FAUS. — Conheço o lugar, é exactamente isto.

BRIG. — Viajou muito?

FAUS. — Alguma cousa, estudei seis annos na Europa. Gastei todo o patrimonio e vim pobre. Trouxe alguns quadros... não valião nada vendi-os sabe Deus porque preço!

BRIG. — As bellas artes n'este paiz são uma planta exotica. Não se reputa ainda o talento, nem se premia o merito. Cobrem de honras o jornalista infame que tem servido a todos os governos ; dão condecorações ás nullidades, elevão os mercenários, os

charlatães, os aulicos que rastejão... ha dinheiro para os quadros da corrupção; para os seus, ha só indiferença!

LUC. — Se fosse um estrangeiro...

BRIG. — Trabalhem, trabalhem... não quero interrompel-os com as minhas explosões... (*Recostando-se no sofá*). Vou ler os jornaes.

LUC. (*preparando as tintas*) — Depois d'esta paysagem, desejo fazer umas flores; o tio trouxe-me hontem uma collecção lindissima.

FAUS. — Aproveito a oportunidade para dizer-lhe que esta é a nossa ultima lição.

LUC. (*sorpresa*) — Como?

FAUS. — Sigo no primeiro vapor para a minha provincia.

LUC. (*com emoção*) — Sim? É demora-se?

FAUS. — Quatro ou cinco mezes... O tempo corre...

LUC. — Para os que vão.

FAUS. — Ha oito annos que não vejo um parente e tenho saudades do meu Rio Pardo.

LUC. — E' rio grandense? Eu tambem sou, eu, o tio e o pai. (*Voltando-se para o brigadeiro*) O' tio Chico... Está dormindo... Se elle sabe que o senhor é do Rio Grande, não o deixa mais.

FAUS. — Vou mitigar saudades e espaiar-me tristezas!... Preferia viver lá, se pudesse. Gosto da vida intima, arredada dos grandes centros. Já não tenho as aspirações d'outros tempos, já não me embalão as chimeras dos vinte annos. As decepções continuas consomem a energia... Hei de morrer tirando retratos... Juro-lhe, minha senhora, não foi para isto que estudei e consumi uma mocidade!... Tudo passou como um echo que se perde... sem um vestigio de gloria, sem uma esperanza de futuro. Amei a arte pelo que ella tem de ideal, como amo a natureza pelo que ella tem de divino... Ferio-me o coração o espinho da desventura... Errei o caminho... e n'esta peregrinação malfadada só tenho collhido angustias e pezares.

LUC. — Talvez não volte mais...

FAUS. — Quem sabe?... (*Pausa*) Ou fico para morrer no meu ultimo exitio, ou venho para sorrir na minha primeira auro-ra de felicidade.

LUC. — Então sempre crê n'alguma cousa... deixa...

FAUS. — Deixo uma imagem aqui... (*Calá-se tremulo de commoção*).

LUC. (*com a voz suffocada*) — E' vai?

FAUS. — Vou, devo ir... E' mister que o imperio da vontade vença o imperio do... amor!... (*O brigadeiro desperta*). Fui ir-

reflectido, não devo ser louco. Se eu tivesse títulos, um nome...
O dinheiro é o braço do seculo, a legenda da humanidade.

LUC. — O talento é um raio de Deos.

BRIG. (*baixo*) Bonita lição! Pilhei-os afinal. (*Ergue-se e colloca-se entre Fausto e Lucinda*).

FAUS. — Entre Homero e Cresus o mundo não hesitaria.

BRIG. (*batendo no hombro de Fausto*) Tem razão. (*Fausto e Lucinda ficam sobresallados*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO

PAGINA SOLTA

ROSA

I

Lembras-te da primeira vez em que nos vimos, Rosa ?

Era em uma noite de festa.

O salão, esplendidamente illuminado e perfumado das flores as mais fragrantas, regorgitava de concurrentes.

Os innumerados espelhos, reflectindo as luzes, lembravão esses palacios encantados que povoão a imaginação dos filhos do Oriente.

A musica vibrava os sons cadentes de uma walsa.

Os pares confundião-se no vórtice da dança, ebrios de prazer e de amor.

A alegria brilhava em todos os rostos, a felicidade em todos os corações.

E, não sei porque, alheio a tudo que me cercava, sentia uma leve sombra de melancolia entristecer-me o semblante.

Recostado ao vão de uma janella, eu assistia impassivel a esso angelico folguedo.

II

E tu passaste junto a mim, bella, mas indifferente.

Trazias no vestido a côr deslumbrante de que se reveste o céu nas tardes calmosas de Dezembro.

Trocaste commigo um olhar descuidoso, e passaste. . .

Minha alma pensativa curvou-se ante a tua imagem graciosa, como se contemplasse a divindade.

Senti não sei que extranha sensação palpitar-me o peito.

E um novo mundo descortinou-se a meus olhos, esplendido como um d'esses palacios encantados das antigas lendas.

III

Fallei-te depois.

No estado de exaltação febril em que me achava, meus labios não puderão reter os mil pensamentos que me tumultuavão o cerebro, e balbuciarão palavras apaixonadas e incoherentes, que forão perturbar a tranquillidade de teu espirito.

Um fino sorriso de ironia deslisou-se por teus labios, e eu senti em minha alma coar-se um gelo de morte. . .

A lagrima que balouçava-me na palpebra retrahio-se, e, transformada em fel, pungio-me dolorosamente o coração.

O teu amor começou por uma ironia, Rosa !

IV

Amámo-nos depois com todo o enthusiasmo virgem de nossos corações.

Que suave existencia passámos nós, contemplando-nos ao longe, n'essas tardes serenas e poeticas, em que a brisa, roçando por teus negros cabellos, trazia-me o subtil perfume da flor que prendias n'elles !

Quando o campanario visinho fazia soar a hora melancolica das Ave Marias, nossa alma voava aos páramos celestes nas azas da oração.

Nunca mais a ironia te frisou os labios.

Tinhas sempre para mim o doce sorriso, que divinisa a bocca de um anjo.

Minha alma seguia-te por toda parto.

Quando ias ao templo de Deos depôr em seus altares os mysticos perfumes da fé, eu contemplava-te com embevecimento, recostado ao marmore da columna, e via em ti a imagem candida de um seraphim.

Os nossos olhares procuravão-se instinctivamente. . . como se a nossa existencia dependesse um do outro. . .

Toda a historia dos nossos amores, Rosa, tem sido um poema tão íntimo, como ineffavel.

A maldicencia e a intriga tentárão debalde desvirtuar os sentimentos profundos que nos união.

V

E tudo isso passou-se. . .

Não sei para onde a mão da fatalidade impellio-te, formosa visão dos meus sonhos!

Por isso, se acaso um dia esta pagina fôr lida por ti, em nome d'esse paraíso que habitámos por tão breve espaço de tempo, recorda-te do louco que sonhou contigo uma ventura impossivel, e . . . ó Rosa! não deixes transparecer em teus labios a ironia pungente com que um dia me escaldaste o coração! não zombes um só momento de uma alma torturada por ti, e que nem tem forças para reagir contra o destino que a aniquilou!

Lembra-te que a amaste e muito, ó Rosa!

D. V.

Novembro de 1874.

ESBOÇO BIOGRAPHICO

JOAQUIM MARQUES LISBOA

(VISCONDE DE TAMANDARÉ)

III

Voltava aos mares do Brazil quando a revolução de Pernambuco debatia-se em todo o seu encarniçamento. E Joaquim Marques Lisboa aprou ao porto de Tamandaré em defesa da ordem, e ahí sustentou o governo de então, adstricto aos seus deveres de soldado e defensor das instituições juradas, fazendo-se temido dos rebeldes por sua disciplina e integridade de character. Este feito importante teve-o o imperador em tão subida consideração que mais tarde gallardoou o bravo com a baronia de Tamandaré.

A contenda politica que se levantou no norte e em que pereceu o distincto patriota Nunes Machado, victima de sua dedicação á causa da liberdade, tinha por fim reformas radicacs na organização politica do imperio; os revolucionarios propuzerão e sustentarão com encarniçamento a necessidade de uma Constituinte. O estado de marasmo e de descrença em que se achavão os brazileiros, a impetuosidade de character e robustecimento de crenças dos chefes, quasi todos homens pertencentes a escola de direito de Olinda ou antigas influencias dos passados movimentos desde 1817, assustára sobremodo os espiritos dos governantes d'essa epocha e punha em perigo a causa dos aulicos do imperador, que então monopolisavão em favor de seus adeptos e de suas familias todos os cargos rendosos do Estado. A revolução pois de

Pernambuco era-lhes um pesadello horrivel e não é de estranhar o quadro de horrores que desenrolarão contra os ainda mais inoffensivos cidadãos, que partilhavão a causa do movimento, como um remedio efficaz aos males da nação. Um governo patriota e verdadeiramente illustrado teria colhido da luta que n'essa parte do imperio se travou beneficos resultados em favor da liberdade e do progresso, moderando os impetos e dirigindo as tendencias civilisadoras dos distinctos caracteres que então se puzerão em evidencia. para a consecução dos fins humanitarios e sociais para que se devem dirigir os que tomão o timão dos estados. A constituinte, inversão da ordem e das instituições juradas, seria uma precipitação do espirito nacional, mas as reformas então pedidas, se tivessem sido executadas, terião tornado o nosso estado assás florescente e dado fructos que colheriamos hoje, desassombrados como um povo livre e progressista.

Joaquim Marques Lisboa é um coração generoso e as lagrimas e o sangue de seus irmãos, ali vertidas, não poderião deixar de cavarem fundas na sua alma as dores de patriota; mas era soldado, e nem sempre a cabeça discute diante de uma ordem lavrada pelo *respectivo ministro*. Quando a civilisação dos povos se tiver adiantado, e que a humanidade caminhe mais proxima a seu fim de confraternisação universal, os *soldados* que ainda houverem, antes de desembainhar a espada, hão de perguntar, onde está a razão e a justiça, antes de se atirarem *cegos* n'esses duellos de morte, tão repetidos hoje.

Nós na imprensa do Rio combatemos a revolução sob o ponto de vista da *resistencia armada*. A opinião publica para nós, era a impreterrita arbitra do paiz, diante da qual não poderia deixar de curvar-se o governo; a opinião publica só poderia devassar os conselhos do imperador e desarmar os soldados que assassinavão Nunes Machado, bem como impor silencio ás sanguinarias devastações de Tostes e Figueira de Mello.

Mas ha nos quadros desenhados pelo passado scenas tão torpes que é mister que o historiador estaque ante ellas para passar-lhes por cima a esponja humedecida com as suas proprias lagrimas.

Emquanto as delegações forem comprehendidas socialmente no ponto de vista em que os povos ignorantes ou acanhados as comprehendem, de certo que se repetirão d'essas scenas negras e medonbas. Teme-se a impetuosidade da onda popular que, dizem, tudo *arrasta* apóz si, mas dormiem os povos tranquillos, como manadas de carneiros. emquanto a ferocidade de um aulico se expande sob todas as fórmãs, agrilhoada pela covardia e pela enfermidade da alma no silencio escuro de uma secretaria ou gabinete!...

O que é verdade, o que está nos dominios dos factos é que houve um longo entorpecimento do paiz, durante o qual *reinavão* os traficantes de carne humana, introduzindo em todo o littoral do Brazil centenas de milhares de embrutecidos filhos da Africa, em trôco de grossos capitaes, que enthesouravão, e durante o qual esses miseraveis virão seus fementidos peitos adornados com as condecorações da monarchia, e seus salões cheios dos figurões de então, dos proprios ministros.

Epôcha de corrupção e de descrença, a lei de 7 de Dezembro de 1831 era postergada escandalosamente pelos juizes municipaes dos lugarejos situados no littoral do imperio, e lavrava e lavrava sempre a corrupção nos membros de todo o corpo social.

A crise economica no emtanto devia salvar a nação fadada para melhores destinos. Não forão os *soldados* que sustentarão o paiz, não foi o *governo* que soube manter a ordem; a reorganisação da nação, a vida, o entusiasmo surgio da natural expansão economica do paiz.

Foi á crise economica, e, para vergonha nossa, á compressão da Inglaterra, que o paiz deveu a confecção da lei de 4 de Setembro de 1850. Terminando o trafico os capitaes voltarão para o centro do paiz animando as industrias e a nacionalidade brazileira saltou por cima dos erros, da imprevidencia de um governo torpe e negreiro.

Continúa.

DR. VALLE CAIDRE E FILHO.

GABILA

CANTO I

A LIBERDADE

V

Malungo um mez depois do nascimento
Achou-se a sós no meio dos vargedos ;
Orphão tão cedo ao desbrochar da vida !
A estancia, cujos campos se matizão
De numerozo gado aos varios pellos,
Que importa viva ou não um potranquinho,
Se cuidados mil para viver reclama,
Sem o materno amor ? Nos verdes plainos
O misero soltava o terno ornejo
Que seria : Mamãe ! no labio humano.
E corria, corria, como um doido,
A chorar sem descanso !

Era criança

O crioulo Gabila, mas ao vel-o
D'elle compadeceu-se. Seus destinos
Se assemelhavão. Ambos sós e tristes
Não tinham pais, amigos sobre a terra,
Ambos escravos, de carinhos êrmos,
Ambos infantes sob um céu de bronze !
O crioulo amimou-o, trouce-o á casa,
E na senzala humilde, taciturna,
Reciprocas angustias esquecerão.
Nos braços da amizade.

Todo o leite

Que o bondoso Gabila recebia,
Abundante tamina n'um porongo,
Pertencia a Malungo, e pela noite
A cama do infortunio, um couro secco
E um cobertor já velho de Mostarda,
Partilhavão os dois.

E assim crescerão.

Fêz-se homem o negrinho, e o pobre guaebo,
O potrilho, conviva e companheiro
Na estação rosicler de ledos sonhos,
Fêz-se guapo corseil, ativo e bello.

Doiradilho era o pello, de reflexos
Que o oiro deslumbrante escurecião,
Fino e lustroso que torçaes de seda
Lhe não tiravão lampas. Da cabeça
De feitio elegante bastas clinas
Cahião aos cachões, como aurea c'rôa
Cingindo a testa ao filho do deserto.
Erão as fórmas d'uma estampa rara.
Quem o visse, dissera : Que pintura !
Quem o visse, dissera : Quero tel-o.

E assim foi. O primeiro que o cobiza,
Que tenta sujeital-o a seu dominio,
O estancieiro que se apossa d'elle,
Esquecendo direitos do crioulo,
Por amansal-o s'esforçou de balde.

Vierão domadores dos melhores,
Campeiros sacudidos, foi frustraneo !
Derrubava-os por terra em dois corcóvos,
Espedaçava freios e d'um prisco
O tapume vingava das mangueiras,
Sibilavão volantes armadilhas.
E tambem as argolas sibilavão
Dos laços que fazião-se em pedaços.
Boleadeiras rábidas chovião,
E chovião pialos... Tudo inutil !
Por fim exausto de tanto affano,
Banhado de suor, arfando o peito,
Das ventas dilatadas expellindo
Espessas nuvens de vapor ardente,
As rainilhas tremendo, calafrios
Correndo-lhe por vezes todo o corpo,
Rojava em terra... Autêo aniquilado !

E Gabila que vê a triste scena,
O seu unico irmão que soffre tanto,
Gabila, cujo seio aos óstos bulha

Na quadra juvenil, cerrado o punho
Affoga o coração que quasi rompe
As arcas musculosas a estalarem.

Os seus gemidos, Deos sómente os ouve,
Cavernosos, occultos, em mysterio.

Quando deixavão o animal indómito,
Acabrunhado ás dores das feridas,
A's fadigas das lutas que lutára,
Ia pensal-o rapido o crioulo
Mitigar-lhe o soffrer de longas horas.
Por fim o estancieiro abandonou-o.
— Caborteiro, fuá, puava, arisco, —
E mil outros epithetos lhe derão.
Injustiça patente á luz do dia!
Pois não os merecia o bom Malungo,
Que á voz de Gabila, a seus affagos,
A seu ameno trato, consentia
Não a brida, tão só, mas o lombillo,
Mas o jugo do amigo, jugo affavel,
Sem chilenas, rebenque e grita féra.
Que soberba no pingo, que alegria
Que escaramuças atravez das varzeas,
Que pimponice no arquear do collo
Que floreios, que garbo!

E o cavalleiro

N'elle como n'um throno que chibante,
Na cancha levantando polvadeira!
Esquecendo as angustias da existencia!
Esquecendo os grilhões do escravo ao pulso!
Eis o que era Malungo, o bom ginete.

Continúa.

IRIEMA.

A AURORA

I

Esmeraldino o campo, matisado
De flores mil, se desenrola à vista
Sob um céu azulado de delicias,
Que no exprimir do amor mysterio encerra ;
Ainda alvo lençol de orvalho encobre,
Dos humidos christaes co'os prismas varios
Os lagos dos varzedos ; inda occultas
Dormem nas lapas odorosas auras.
Das proximas montanhas, petreos serros,
Onde vela o jaguar, onde desperta
O rouquenho urutau da noite os echos.

Vem o dia surgindo, a alva serena
Neste céu sobranceira se derrama,
Ondulações de luz vagas scintillão
Na curva extensa do oriente rutilo ;
E canta a natureza um hymno grato,
A prece pura que em louvor do Eterno
Solemne e festival, diurna envia.

Em meio desta scena deslumbrante
Baixa a frente, co'a mente pensadora
Caminho mudo e só ; eis que além vejo
Qual meiga jurity, rola dos bosques,
Passar gentil e com donaire extranho,
Fada ou creança, de roupagem alva ;
Preso imprevisto por fatal enlace,
E torva a mente e torves os sentidos,
Vou junto d'ella as mais mimosas flores
Cheias de aromas, de matizes lindos,
Colher para tecer-lhe a c'roa pura
Adorno virginal da frente infante.

II

Salve, oh riso dos campos, oh ventura

Da vegetal mansão, tu és do dia
A grata primavera, oh rosea aurora,
Que com o céu disputas á porfia
Qual tenha mais belleza,
Se o desalinho teu, teu brando gesto.
Se d'elle a vã grandeza !
Tu foste a precursora, aurora linda,
Desses formosos dias que hão corrido
Da minha infancia seductora e bella.
Tu foste, oh madrugada,
Quem orvalhaste as flores da capella
Que sobre a fronte lhe vicejão puras,
Emblema da candura e virgindade.

Desde ess'hora suprema, em que o meu peito
Da luz ao rutilar gostoso abriu-se
Dos olhos d'essa virgem, sinto e amo
Um ser celeste que minh'alma prende,
Visão d'um sonho que não deixa nunca
De roçar-me na mente, grato enleio,
Que vejo na floresta a mais sombria,
Ou sobre a vaga adormecida e calma
Do tortuoso rio d'este valle,
Ou sobre a encosta da coxilha fresca,
Ou entre as flores do jardim cuidado
Por mãos de minha mãe.

Corinna virgem,
Anjo do céu que vagas na campina,
E como o colibri as flores sugas,
Leva minh'alma p'ra a mansão que habitas,
Perfuma-a de virtudes, dá-lhe a esperança
E deixa que da harpa eterna e diva
Me venha ampla torrente de poesia
A fronte illuminar.

Tu és, Corinna,
Da minha vida a feiticeira aurora,
Nos meus jardins da infancia
A luz primeira derramaste pura !

DR. VALLE CALDEIRA E FILHO.

CHRONICA

Acompanha a presente *Revista* o retrato do Dr. Amaro da Silveira, cuja memoria a provincia ha de sempre venerar.

Em meio da corrupção politica que csmaga o paiz rareião hoje os caracteres da tempera d'esse illustre brasileiro arrebatado tão cedo ás glorias da patria pelo silencio dos tumulos.

A sua biographia está entregue ao nosso distincto collaborador Victor Valpirio, que ha de retratar com fidelidade os traços viris d'aquella intelligencia privilegiada.

Logo que nos chegar ás mãos esse trabalho cumpriremos o nosso dever.

*
* *

Teve lugar no dia 28 o 16.º sarão do *Parthenon*. Como sempre a concurrencia foi extraordinaria.

A tribuna das prelecções foi occupada pelo nosso illustrado amigo Aurelio de Bittencourt, que brilhantemente discorreu sobre a *instrucção popular*.

No proximo numero da *Revista* registraremos a prelecção de nosso amigo.

Concorrerão ainda para o maior realce da reunião as Exmas. Sras. Aimée e Aurora Mazon, Dorothea das Chagas, Maria José Coelho e Felisberta Vicira Lima, Souza Motta e Horacio Maissonette.

*
* *

No dia 2 de Novembro reapareceu a *Democracia*, orgão do partido republicano.

E' escripta com vigor e illustração.